

MARIA DE LOURDES BELCHIOR OU UMA BREVE ‘GRAMÁTICA DO SER’

MARIA JOÃO REYNAUD*

Resumo: Este texto em homenagem a Maria de Lourdes Belchior (1923-1998) tem como ponto de partida o «Discurso de agradecimento pronunciado pela Prof.ª Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes», por ocasião do Acto de Doutoramento Honoris Causa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 15 de Maio de 1996. A presença de alguns dados autobiográficos permite apreender traços da sua personalidade que explicam a riqueza do seu percurso de vida, tanto no plano académico, como no plano da criação literária. O modo como exerceu o magistério universitário, marcando várias gerações de alunos, e o entusiasmo com que se consagrou à difusão da cultura portuguesa no mundo lusófono e no estrangeiro tornam-na uma figura ímpar. Já na maturidade, a publicação de dois surpreendentes livros de poesia faz de Maria de Lourdes Belchior uma voz feminina tardia, mas incontornável, da literatura portuguesa da segunda metade do século XX. Na breve leitura que propomos da sua fascinante Gramática do Mundo (1985) estará em foco a questão do ser à luz de uma fé que constantemente se interroga.

Palavras-chave: Hospitalidade; saber; ‘pensamento poético’; corpo; ser; fé; teologia; ‘interrogação ontológica’.

Abstract: This paper in honour of Maria de Lourdes Belchior (1923-1998) takes as its starting point «Discurso de agradecimento pronunciado pela Prof.ª Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes», at the Honorary Doctorate Ceremony at the Faculty of Arts of the University of Porto, on May 15, 1996. The presence of some autobiographical details allows us to grasp traits of her personality that explain the richness of her life trajectory, both academically and in her literary creation. Her teaching style, influencing several generations of students, and the enthusiasm with which she dedicated herself to the dissemination of Portuguese culture in the Portuguese-speaking world and abroad make her a unique figure. In her mature years, the publication of two surprising books of poetry established Maria de Lourdes Belchior as a late but essential female voice in Portuguese literature of the second half of the 20th century. In this brief reading of his fascinating Gramática do Mundo (1985), we will focus on the question of being in light of a faith that constantly questions itself.

Keywords: Hospitality; knowledge; ‘poetic thought’; body; being; faith; theology; ‘ontological interrogation’.

*Yo, límite de Dios, voluntad libre
por su divina voluntad.*

Yo, ribera de Dios, junto a sus olas grandes.

Dámaso Alonso, *Hombre y Dios*, 1954

Maria de Lourdes Belchior¹, cuja vida se apagou já perto de completar 75 anos de idade, era um ser de diálogo, de acolhimento afetuoso e de horizontes largos, o que explica essa «espécie de fidei-

* CITCEM-FLUP (UID/04059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: reynaudmariajoao@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6903-3909>.

¹ Fui aluna da Professora Maria de Lourdes Belchior nas disciplinas de Literatura Portuguesa II (Classicismo e Barroco, 3.º ano), Literatura Espanhola (4.º ano) e Seminário (5.º ano). A abertura do concurso que a levaria a ocupar o lugar de Catedrática na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1969/70, levou a que um grupo de alunos seus, de Românicas, tivesse

dade a uma vocação bem portuguesa — a da diáspora», ainda que «entrecortada de regressos» (Belchior 1999). Estas palavras são retiradas do «Discurso de agradecimento pronunciado pela Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes», por ocasião do Acto de Doutoramento *Honoris Causa* na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 15 de maio de 1996². É um texto concentrado, em que a homenageada se propõe fazer uma espécie de balanço de vida, revelando factos que, pela sua carga afetiva, me parecem particularmente importantes para o entendimento da sua capacidade criativa, vinculada a uma identidade única e plenamente concretizada tanto no plano do magistério universitário, como no plano da criação estética.

Trata-se de um texto «de circunstância», embora naquele sentido profundo que Ortega y Gasset conferiu à expressão na conhecida frase «Eu sou eu e a minha circunstância, e se não a salvo a ela, não me salvo a mim» (Ortega y Gasset 1984, p. 20), que encerra uma conceção filosófica segundo a qual o homem é distinto da realidade que o rodeia, mas inseparável dela. Destaco desse precioso texto, entre outros passos possíveis, a referência à capa de estudante amorosamente feita por sua mãe e usada em todas as provas académicas; a quebra do discurso institucional para dar lugar à digressão poética, quando evoca a vetusta cidade do Porto, «que [...] oferecia aos olhos deslumbrantes paisagens ribeirinhas de inigualável beleza»; ou a prosa impressionista de Raul Brandão, ao ponto de se sentir tentada a trocar «a luminosidade mediterrânica» da sua cidade natal «pela cinzenta nebulosidade desta cidade atlântica». Essa «cidade de sonho», de «poentes esplendorosos, [...] casario meio escondido pela névoa», é o cenário de uma breve ‘gramática do ser’ que nos interpela ao nível mais profundo. A leitura deste texto ajuda-nos a perceber como a passagem pelo Brasil, enquanto conselheira cultural; ou pelos Estados Unidos, onde assegurou temporariamente a cátedra de Jorge de Sena em Santa Bárbara, na Universidade da Califórnia, marcou a sua poesia. E sublinho o testemunho que fica exarado nesta alocução sobre o magistério de Dámaso Alonso, que se revelou decisivo para a sua formação filológica, permitindo-nos depreender que aquele de quem se considera «discípula», e que é um dos poetas mais destacados da «Generación del 27», foi também uma figura inspiradora no campo da poesia (Cf. Belchior 1999).

O livro de poesia que Maria de Lourdes Belchior publica aos 62 anos de idade, depois de uma vida dedicada à docência e à causa da cultura portuguesa, pela qual continuaria a pugnar em Paris, como Diretora do Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, até quase ao fim da sua vida, começa por nos surpreender pela abrangência do título: *Gramática do Mundo*. Editado em 1985 e acompanhado do longo poema-posfácio de Joaquim Manuel Magalhães, um instigante diálogo com a poesia da autora («dezembro com Maria de Lourdes

a iniciativa de redigir um abaixo-assinado, reunindo nomes de discentes e docentes, dirigido ao então Ministro da Educação (José Hermano Saraiva) em prol do alargamento do quadro de catedráticos da Faculdade de Letras de Lisboa. Fiz parte do grupo de alunos e assistentes «que se meteram numa camionete» para assistir à prestação das provas de Maria de Lourdes Belchior com destino à cátedra. O tema da lição, fruto de sorteio prévio conforme as regras então vigentes, versou sobre «Verlaine e o simbolismo em Portugal», estranho às matérias que lhe eram mais familiares, mas nem por isso tratado com menos brilho.

² Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6766.pdf>. Cf. Belchior 1999.

Belchior»), impõe-se-nos como uma reflexão ímpar sobre o mundo pós-moderno, onde os valores humanistas sucumbem *perante* a apologia do niilismo e o rápido desenvolvimento científico-tecnológico colocado ao serviço da padronização global e de uma ordem mundial injusta. Os poemas que integram este livro, escritos ao longo de vários anos, são o fruto sazornado de uma intuição poética que faz de Maria de Lourdes Belchior uma voz feminina tardia, mas incontornável, da poesia portuguesa da 2.^a metade do século XX. O seu profundo conhecimento da literatura peninsular, clássica e barroca, e dos movimentos estéticos que marcam os séculos XIX e XX, incluindo as tendências mais recentes da poesia portuguesa, sendo o seguríssimo respaldo da sua escrita, de nada serviria sem o élan criativo que está na origem da verdadeira poesia.

O livro divide-se em cinco partes tituladas, que correspondem aos momentos essenciais da extensa reflexão para que o leitor é convocado, e por onde se distribuem cerca de sete dezenas e meia de poemas, tendencialmente longos. Passo a enumerá-las: «I. Para a Reinvenção do Corpo» (um corpo simbolicamente fragmentado, de cujas partes essenciais se ocupam treze poemas); «II. Imitação da Natureza»; «III. Recuperação da Infância?»; «IV. Oratória»; «V. Arte Poética». A epígrafe, de Vítor Matos e Sá, é o elemento desencadeador de uma tentativa de explicação do corpo natural, que esbarra, *in ultima res*, com o mistério da origem e do fim. A visão de Maria de Lourdes Belchior tem algumas afinidades com o pensamento de Michel Serres, quando este denuncia a rotura do contrato milenar do homem com a natureza (*Le Contrat naturel* 1990), apesar de se distanciar do seu laicismo otimista. Pela sua poesia perpassa o «sentimento trágico da vida» que domina o pensamento metafísico de Miguel de Unamuno. As metamorfoses que o corpo natural sofre ao longo da vida, da infância à velhice, são o prenúncio do seu inexorável fim. O poema de abertura, intitulado «O Corpo», centra-se, precisamente, nesta ideia, apesar da interrogação retórica que escande a dicção poética, como acontece num grande número de poemas:

[...]
Companhia serena
sê-lo-á? o corpo cansado, envelhecido, puído
acaso chagado, dorido. Com o corpo andamos,
falamos, amamos — só o corpo? Sem ele
paramos? Não há dúvida: o corpo continua
por explicar. (Belchior 1985, p. 11)

Nesta visão melancólica do corpo, cuja realidade provoca um sentimento de «inquieta estranheza», desencadeado, segundo Freud, por aquilo que é simultaneamente familiar e estranho, a percuciente ironia dá lugar a expressivas reverberações neobarrocas que introduzem um dramatismo maior. É o que acontece no poema «Lábios», onde surge o tópico da *vanitas*:

*Lábios abertos, promessa de som, de comunicação
Lábios cerrados guardas da boca. Lábios selados guardas
da Morte. Hão-de ficar para sempre cerrados os lábios
selados pela Morte? Não. Logo descarnados, murcharão.
Flores de sangue não-de apodrecer. Só lembranças
deles da cor e do rictus nos ficarão? E na
ressurreição?
[...]
Sua serventia
talvez seja um dia a de filtrar pelas palavras
a Palavra nunca dita
a Palavra por Deus ao princípio anunciada e depois, no fim
dos tempos em plenitude pronunciada. (Belchior 1985, pp. 18-19)*

A perplexidade gerada pela antevisão desoladora do apodrecimento dos lábios — por sinédoque, o próprio corpo — que simbolizam, por excelência, a fala, pois que é através deles que se torna possível a comunicação de cada ser humano com o Outro e com Deus, põe em cena a «palavra nunca dita» que, como bem observa Fernando Guimarães numa recensão a este livro, é «aquela cuja pronúncia fica como que suspensa, pois representa, afinal, o limite mesmo que permita configurar as múltiplas vozes que chegam até nós, de modo a que se encontre, assim, uma *gramática* que lhes dê uma ordem, uma combinação especial, um significado revelador» (Guimarães 1986, p. 92). Acrescentaria que «a palavra nunca dita» assinala o hiato entre a palavra comum e a palavra litúrgica, capaz de proferir o mistério do Ser. É certamente a senha secreta que permite ultrapassar o mundo aparente das coisas e aceder ao patamar iniciático em que a angústia se apazigua ante o vislumbre de uma realidade transcendente.

Este pessimismo pontual é contraditado pela alusão ao mistério da ressurreição crística e ao prenúncio de um «corpo futuro», prometido à glória da ressurreição (cito): «vislumbrado, adivinhado na / fragmentação do coração dos dias / projectado num espaço além / inominado, onde recomposto / transfigurado pela luz / incriada do Ser sem limites e sem fronteiras / seja corpo glorioso, / corpo de transparência, / liberto da contingência de ser mortal» («Corpo Glorioso» em Belchior 1985, p. 24).

Em Maria de Lourdes Belchior, o impulso poético, o movimento reflexivo e o sentimento religioso acabam por se confundir. A sua «gramática do mundo» é uma tentativa de ler, baudelairianamente, o «Universo visível» enquanto «retrato / e projecto de um universo invisível» («O Verbo» em Belchior 1985, p. 79). E, essencialmente, de captar, através da poesia, as relações que ontologicamente consubstanciam a presença do ser no mundo face ao mistério da criação divina. Trata-se de encontrar, na *Lebenswelt* coletiva, isto é, no mundo da vida comum, «o lugar onde se torna possível estabelecer uma comunicação com a realidade mais

vasta em que estamos submergidos: realidade cósmica ou divina, ambas infinitas e de natureza espiritual» (Béguin 1993, p. 482).

O seu pensamento poético é plasmado por uma «ontologia trinitária», que se revela através do Verbo tornado «palavra» e se afirma como caminho para a verdade. O sentimento frustrante da insuficiência da linguagem perante uma questão que escapa à racionalidade logocêntrica transparece em muitos poemas do livro, quase sempre, de modo interrogativo, como acontece nos versos que a seguir se transcrevem:

[...] *Linguagem, miragem ultrapassada, cercada
de recessos, bato, em vão? às portas do significado?
Do Teu lado correu linfa e sangue
Exangue não diviso Teu rosto
ignoro o rictus da Tua face
Mas face como se és Espírito? Só Espírito não; pela ressurreição
teu corpo recriado ascendeu aos céus. Derrama, ó Deus,
orvalho e misericórdia
sobre a terra batida da minha vida.* («Quando verei a Tua face?» em Belchior 1985, p. 86)

Quase a finalizar esta brevíssima reflexão, regresso à evocação de Dámaso Alonso por Maria de Lourdes Belchior no texto acima referido, uma vez que a poesia do seu «Mestre» se lhe impôs como uma fonte duradouramente inspiradora. Destaco, entre os seus livros, *Hombre y Dios*, cuja primeira edição é de 1955, pelo verosímil impacto que a sua leitura terá tido na discípula portuguesa do autor de *Poesía española. Ensayo de métodos y límites estilísticos* (1950).

Encontramos, na escrita poética de ambos, além de uma idêntica intensidade do diálogo com Deus, ecos da poesia mística de San Juan de la Cruz e de Santa Teresa de Ávila; e uma comum inquietação existencial, de raiz gnosiológica. Das afinidades mais evidentes entre os dois poetas, destacaria a constante tensão entre angústia da morte e a afirmação da esperança salvífica, à luz de uma fé que é constantemente posta à prova. Perante a opacidade de um mundo que perdeu o sentido da transcendência, a poesia torna-se o único refúgio do ser e um lugar de contínua interrogação.

Na poesia de Maria de Lourdes Belchior é possível discernir as características que definem, segundo Hermann Broch «o estilo de velhice» (Broch 1966). Mais recentemente, Francisco Javier Díez de Revenga (1988) consagrou um estudo aos «libros de senectud», isto é, às publicações tardias de alguns dos maiores poetas da Geração de 27. Um dos traços distintivos referidos por Broch é a capacidade de manipulação da sintaxe que o criador literário adquire com os anos, o que lhe permite que a obra se desenhe, formalmente, como uma arquitetura verbal próxima da música. Creio poder afirmar que a poesia de Maria de Lourdes Belchior atingiu esse grau de completude. Servindo-me das palavras de Ted Hughes, há na sua poesia

«alguma coisa dessa música inaudível que vai correndo, instante após instante, no nosso corpo, como a água de um rio» (Hughes 2002, p. 176).

Obrigada, querida Mestre, pelo imenso legado que nos deixou e que tão vivamente ampara crentes e não-crentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Dámaso, 1966 [1950]. *Poesía Española. Ensayo de métodos y límites estilísticos*. Madrid: Editorial Gredos.
- BÉGUIN, Albert, 1993. *L'âme romantique et le rêve*. Paris: Le Livre de Poche.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1999. Discurso de agradecimento pronunciado pela Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes. Em: *Doutoramento Honoris Causa da Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, [s.p.].
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, 1985. *Gramática do Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BROCH, Hermann, 1966. *Création littéraire et connaissance*. Paris: Gallimard.
- DÍEZ DE REVENGA, Francisco Javier, 1988. *Poesía de senectud: Guillén, Diego, Aleixandre, Alonso y Alberti en sus mundos poéticos terminales*. Barcelona: Anthropos Editorial.
- GUIMARÃES, Fernando, 1986. [Recensão crítica a *Gramática do Mundo*, de Maria de Lourdes Belchior]. *Colóquio-Letras*. Julho, (92), 91-92.
- HUGHES, Ted, 2002. *O Fazer da Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ORTEGA Y GASSET, José, 1984 [1914]. *Meditaciones del Quijote* [em linha] [consult. 2026-02-11]. Disponível em: <https://www.cidadefutura.com.br/wp-content/uploads/Ortega-Y-Gasset.-Meditaciones-del-Quijote-1.pdf>.